TOMO

Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
Universidade Federal de Sergipe

TRANSCULTURALISMO E PROCESSOS IDENTITÁRIOS: A EXPERIÊNCIA DE BRASÍLIA.

João Gabriel L. C. Teixeira*

INTRODUÇÃO

Como será quem nasce em Brasília quando crescer e virar homem? Porque a cidade é habitada por forasteiros nostálgicos. Os exilados. Os que nascem lá serão o futuro. Futuro faiscante como o aço. Se eu ainda estiver viva, aplaudirei o produto estranho e altamente novo que surgirá... (CLARICE LISPECTOR, 1999, p. 48)

Este trabalho visa condensar partes de livro em preparação sobre a configuração do mundo artístico de Brasília. O livro partiu de projeto de pesquisa desenvolvido no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília acerca das condições sociais para a criação de excelências nas artes na cidade de Brasília, a capital nacional planejada do Brasil. O termo excelência, aqui, é usado para denominar aqueles reconhecidos, enquanto profissionais fora de série em seus campos específicos de atuação.

O Projeto tinha como principal objetivo identificar as razões para uma presumida fertilidade diferencial para a produção e maturação de

* Professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

talentos em um número significativo de áreas artísticas naquela cidade, quando comparada com outros centros urbanos brasileiros maiores. Ele também objetivava investigar a especificidade daquela cidade que responderia por tal diferencial, se existente.

O fato é que, tomando a imprensa local como referência, a apresentação de nomes originários de Brasília como "highlights" é recorrente em um número de diferentes áreas artísticas. Origem, aqui, significa o ambiente social do período de formação, isto é, da descoberta e desenvolvimento daquele talento.

Esta recorrência conduz avaliações bastante impressionistas; contudo, é também verdadeiro que a projeção nacional de um artista é mensurável e tem sido reconhecida que a porção que pertence à Brasília em cada área não é irrelevante. Na verdade, o Distrito Federal abriga 1.5% da população nacional, mas aparentemente responde por percentagens mais altas em várias áreas artísticas, tais como entre grupos de música popular, e especialmente de "rock music"; entre atores e atrizes de telenovelas produzidas pela maior rede brasileira de televisão (TV Globo); entre artistas visuais e assim por diante.

A questão principal era então descobrir se esta impressão poderia encontrar apoio em dados objetivos. Contudo, foi descoberto logo no começo da pesquisa que esses dados não estão disponíveis na atualidade. Conseqüentemente, decidiu-se que um procedimento promissor seria a análise dos discursos dos protagonistas do mercado cultural local - as excelências, neste caso - em relação aos seus processos de formação e os passos que seguiram antes de sua projeção nacional.

Uma lista preliminar de áreas foi selecionada e nomes de reconhecida expressão foram identificados. Uma lista de questões relacionada aos interesses acima foi organizada, para ser colocada a 23 desses. Os nomes foram selecionados a partir de "brain storms" realizados com os membros da equipe da pesquisa e informantes privilegiados sobre a produção artística local.

Entre eles constam, além dos expoentes fundadores (Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Athos Bulcão, Wladimir Murtinho, Dulcina de Moraes); artistas pioneiros (fotógrafo: Luiz Humberto Pereira, cineasta: Wladimir Carvalho); artistas visuais (Cildo Meireles, Luiz Áquila, Glenio Bianchetti,

Evandro Salles e Marília Panitz), artistas cênicos (Hugo Rodas, Françoise Forton, Adriano e Fernando Guimarães, Marcelo Saback), músicos (Fê Lemos, baterista da banda Capital Inicial, Gutze Woortmann da Plebe Rude, Dado Villa Lobos da Legião Urbana, Loro Jones do Capital Inicial); promotores culturais (Maria Duarte) e cantor (Ney Matogrosso).

Esperava-se que este procedimento detectasse frestas nos seus discursos, as quais permitiriam a percepção de informações que teriam sido recusadas previamente pelos mesmos numa primeira aproximação.

Procedeu-se à análise dessas entrevistas, o que conduziu o pesquisador a ensaiar o livro sobre a configuração do mundo artístico de Brasília e de sua contribuição para a formação da identidade local, ou seja, a identidade social de uma cidade de 45 anos de idade, fruto de um projeto urbanístico modernista que representou a construção de um ideal utópico socialista.

Essa análise, baseada também em informações já publicadas a respeito da história da cidade, procurou responder às questões acima e iluminar o processo de formação do seu campo artístico.

Ao adotarem-se variáveis educacionais, urbanísticas, místicas e ambientais, garimpadas e recuperadas da literatura já produzida sobre Brasília, pretendeu-se definir os elementos de um processo de *educação sentimental*, inspirado livremente pelo conceito de Bourdieu (1996, p. 24)¹, ou melhor, quase o parafraseando.

Pretendeu-se fornecer mais que uma visão panorâmica de como as "excelências" responderam às questões colocadas pelo projeto. Primeiro de tudo é digno de menção o fato de que elas constituem um grupo bastante heterogêneo de artistas, em diferentes gêneros e faixas etárias.

Esperava-se que essa busca na subjetividade das excelências oferecesse uma configuração das disposições artísticas em voga, ou melhor,

¹ Discorrendo sobre o campo artístico, Bourdieu afirma: "Campo de forças possíveis, que se exercem sobre todos os corpos que nele podem entrar, o campo do poder é também um campo de lutas, e talvez, a esse título, comparado a um jogo; as disposições, ou seja, o conjunto das propriedades incorporadas, inclusive a elegância, a naturalidade ou mesmo a beleza, e o capital sob suas diversas formas, econômica, cultural social, constituem trunfos que vão comandar a maneira de jogar e o sucesso no jogo, em suma, todo o processo de envelhecimento social que Flaubert chama de "educação sentimental".

da constituição de seus *habitus*². Em suma, privilegiou-se a busca pelos trunfos e disposições referidos por Bourdieu.

EDUCAÇÃO SENTIMENTAL E TRANSCULTURALISMO

Descobriu-se que se estava lidando com situações pioneiras, em uma sociedade com características de fronteira em que elementos místicos, ambientais, educacionais e transculturais se entrelaçavam para contornar os processos de maturação de uma maioria de artistas locais.

Ficou claro desde o começo que os indicadores sociais e educacionais que confirmariam ou rejeitariam a hipótese que colocava Brasília como verdadeira fábrica de talentos eram inexistentes. Parecia que o que estava realmente presente era o interesse demonstrado pelas elites e pela mídia locais em usar as histórias de sucesso nas áreas artísticas para fortalecer a auto-estima dos brasilienses e, dessa forma, contribuir para a construção de uma identidade social local.

Conseqüentemente, as questões colocadas aos artistas selecionados eram marcadas pelo novo interesse em identificar os componentes dessa indetentidade-em-construção. Haveria uma auto-evidente cultura “candanga” que diferenciaria os habitantes do planalto central dos habitantes de outros centros nacionais de produção artístico-cultural?

Não seria essa identidade melhor chamada de brasiliense em vez de “candanga”? Haveria alguma diferença entre essas duas identidades, caso existissem? Resultariam as mesmas da mistura de culturas regionais que

² Habitus, segundo Bourdieu (op. cit.) define um sistema de disposições duradouras, absorvidas pelo indivíduo durante seu período de socialização. Ou, nas palavras de Bonnewitz (2003, p. 77) são as ‘atitudes, inclinações para perceber, sentir, fazer e pensar, interiorizadas pelos indivíduos, em razão de suas condições objetivas de existência, e que funcionam então como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão. A interiorização constitui um mecanismo essencial da socialização, na medida em que os comportamentos e valores apreendidos são considerados como óbvios, como naturais, como quase instintivos: a interiorização permite agir sem ser obrigado a lembrar-se explicitamente das regras que é preciso observar para agir’. Acrescenta-se apenas que, se as vezes, eles funcionam como princípios inconscientes, é de se esperar que alguns dos expoentes entrevistados não os tenha reconhecido ou apontado.

teriam se encontrado no meio do cerrado? Ou resultariam da atmosfera cosmopolita fomentada na cidade pelas representações diplomáticas ali instaladas?

Segundo, uma vez que a cidade é ainda muito jovem, o número daqueles que nasceram em Brasília e tiveram seu treinamento totalmente desenvolvido nesta cidade é pequeno quando comparado com o número daqueles que vieram para trabalhar na construção da cidade há quarenta cinco anos e já tinham maturado o domínio do seu ofício antes de se mudar para a nova capital nacional.

Os últimos preferiram se identificar como "candangos" e ainda mantêm fortes laços culturais com suas regiões de origem. Outros não nasceram em Brasília, mas têm vivido na cidade desde que suas famílias migraram e ali maturaram seus talentos. Esses guardam recordações nostálgicas acerca dos tempos aventureiros e esperançosos quanto tudo e todos eram novos no Planalto Central do Brasil, onde uma utopia urbana e socialista estava sendo construída.

Em geral, fez-se referência à existência de centros excelentes de produção e ensino de arte, tais como a Universidade de Brasília e a Escola de Música de Brasília e ao curso de artes cênicas da Fundação Brasileira de Teatro (Teatro Dulcina). Pode-se verificar uma maioria de excelências que tiveram, de fato, algum tipo de vínculo ou atuação com as mesmas notadamente com a primeira.

Este tipo de resposta é mais característico de artistas que nasceram na cidade e têm vivido nela, cujo crescimento acompanharam desde o começo de sua construção. Mas esses são muito poucos para serem considerados como engendradores de uma identidade social já construída.

Refletindo sobre a relação entre misticismo e identidade em Brasília, Hugo Rodas, artista de origem uruguaia, diretor teatral e professor de artes cênicas naquela cidade esclarece:

A mística tem a haver com a imensidão, com essa coisa do infinito. Você se sente dono do oito (sic.) aqui. É muito aberto... Coisa que é muito confortável. Muito cristal, como energia... Acho que a gente aqui é um pouco como a vegetação... Existe uma coisa de sertão nessa imensidão, dessa coisa maravilhosa. Dessa coisa que é diferen-

te... Em Itiquira, eu me dei conta que gostava mais de cachoeira e de rios que de mar... Eu não tive entidade, eu cheguei aqui de "regalo". E aqui eu tive tudo de volta. Eu tive pai, mãe outra vez. O Wladimir e a Tuti Murtinho foram assim pai e mãe. Mas eu acho que isso do misticismo tem muito a ver com esse lugar marcado, com essa aura muito mística. E tem coisas que no tem em nenhum outro lugar, como o Vale do Amanhecer que é impressionante e é uma coisa que você não entende.

A FANTASIA CORPORIFICADA

Muitas afirmações são emitidas com frequência sobre Brasília. Para efeito deste trabalho, recupera-se o clichê que afirma peremptoriamente que ela é uma cidade sem identidade e, a outra, que, por isso mesmo, ela se tornou e ainda é, uma ilha da fantasia. Trata-se, na verdade de uma fraseologia extensiva, considerada aqui enquanto expressão do imaginário brasileiro sobre a cidade e que se constitui no objeto de um dos capítulos do livro.

A intenção aqui é dialogar com algumas das análises de Nunes (2004) em sua obra mais recente sobre Brasília, sub intitulada justamente de A fantasia corporificada, no sentido de contribuir para a atualização dessa polêmica.

É necessário tecer aqui algumas considerações em referência ao próprio prefácio da obra de Nunes, extremamente bem escrito por Ribeiro (2004), mas que também traz em sua essência muitos dos preconceitos e expectativas que fazem do projeto de construção de Brasília o objeto de muita crítica infundada que permanece entranhada no inconsciente coletivo brasileiro.

Parte-se de um verso do poeta Caetano Veloso, quando em uma de suas canções mais famosas, justamente em homenagem a outro centro urbano, São Paulo, carinhosamente denominado de Sampa, critica os detratores da capital paulista, em virtude do narcisismo que esses demonstram em relação à capital econômica e financeira do país: "É que Narciso acha feio o que não é espelho".

Dito isso, cabe considerar, porém, que o prefácio de Ribeiro não é tão somente crítico ao projeto urbanístico corporificado em Brasília. No seu elogio à obra de Nunes (2004, p. 7), por exemplo, a prefaciadora menciona o processo de “fazer sociedade” no qual estariam imbuídos os habitantes de Brasília:

Este fazer reúne diferentes segmentos e camadas sociais deslocados, desgarrados, da formação social brasileira. Esta mescla societária, ao experimentar o desafio da migração, assume, simultaneamente, a responsabilidade pela criação de uma forma social, reconhecida, pelo autor, como totalidade fragmentada e precária.

Não cabendo dúvidas quanto ao teor de verdade da prefaciadora neste parágrafo, não obstante, vale a pena ressaltar que a consideração, em princípio, cabe a qualquer outro centro urbano, pelo menos brasileiro. Ou seja, respeita-se o fato de que qualquer outra realidade urbana possa ser também fragmentada e precária, assim como Brasília.

Na verdade, a colocação da prefaciadora no parágrafo seguinte reconhece essa possibilidade ao afirmar que: “A sociabilidade criada pelos praticantes de Brasília obedece a outras racionalidades, além daquelas emanadas dos grandes objetos e do desenho urbano”.

Aliás, Ribeiro também acentua o fato de que Nunes (2004, p. 7) demonstra

que a leitura predominante de Brasília atualiza mitos, desconhecendo que as grandes narrativas, que acompanharam a fundação da cidade, geraram estratégias e táticas tecidas em investimentos realizados pela sociedade local em construção.

Ribeiro (op. cit, p. 8) continua adiante: “...Do desenho de Brasília, para o autor, a sociedade local em formação retira parâmetros e símbolos para a reconstrução da sociabilidade, sendo assim estabelecidos elos vivos nas relações indivíduo-sociedade”.

Em seguida, Ribeiro (op.cit, p. 8) lança uma série de questões relevantes a respeito desse processo em construção:

...Como deixar de ambicionar a ascensão social numa cidade nova? Como preservar memórias num contexto social aparentemente aberto a abrigo de diferentes projetos de futuro? A cidade-prótese é, também, a cidade-dreno das correntes migratórias que, mobilizadas pela transformação da economia e das relações sociedade – Estado, conformam a experiência urbana.

Em que pesem as pertinências da análise e do questionamento, a atitude narcisista a que se referiu anteriormente se encontra na utilização de expressões pejorativas para definir a cidade, no caso prótese e dreno, como se grande parte dos centros urbanos em todo mundo não fosse também artificial, ou não tivessem sido implantados, de forma não planejada, é verdade, num meio natural e não tivessem o efeito protético sobre a sua região e como se não tivessem, pelo menos durante algum tempo de sua existência, assumido também um efeito dreno das correntes migratórias. Assim, o que em outras experiências de urbanização foi contingência ou requisito, no caso de Brasília, é colocado como defeito intransponível ou especificidade a ser rejeitada ou criticada.

É bom esclarecer, contudo, que a prefaciadora reconhece (op. cit, p. 9) que essa especificidade reside, ao contrário, nas diferenças estabelecidas no âmbito do funcionalismo público estabelecido naquela cidade administrativa, ou mais precisamente na tecnocracia:

... Nesta cidade, os longos anos de apagamento da vida política traduziram-se num tipo particular de sociabilidade e em percepções singulares da vida urbana. Afinal, é indispensável lembrar que as manifestações do poder político estiveram coladas, sem outras relevantes mediações, à experimentação social de Brasília.

Em que pese um certo exagero com referência ao apagamento político de Brasília (e os que residiram naquela cidade, durante e após os anos de chumbo da ditadura militar, que o digam), o fato é que a cidade inventada continuou existindo, fazendo política, construindo sua identidade, a despeito e por causa mesmo das graves limitações à liberdade de expressão e circulação das informações, com as mediações relevantes ainda não identificadas pela pesquisa sociológica mais recente.

Aliás, a prefaciadora, reconhece isso, no parágrafo seguinte, ao mencionar que: "... A Brasília 'ilha da fantasia', metáfora que sintetiza a alienação e a mistificação que acompanham o exercício do poder central, comporta incômodas similitudes com o decadente Rio".

São justamente essas similitudes, não apenas com o Rio, mas também com o processo vivido por São Paulo, que não atribuem qualquer característica muito específica ao processo vivido por/em Brasília. Cumpre salientar a inusitada citação de Alain Badiou (1996) que a prefaciadora utiliza nesse contexto: "não se pensa exatamente do mesmo jeito nessa constelação posta sobre o solo nu, com um céu invertido (itálico nosso), que é Brasília...".

Passando agora aos pontos colocados por Nunes (op.cit, p. 14) ressalta-se inicialmente o seu reconhecimento de que

... por sua condição de cidade planejada e de suas funções como capital política... em decorrência, a capacidade de atração de fluxos migratórios de diferentes regiões do país permite-nos tratá-la como microcosmos da cultura brasileira, que aqui se rebata com requintes muitas vezes surpreendentes.

Cabe notar a concordância deste autor com esta conclusão, a despeito de Nunes não apresentar os seus exemplos dos requintes mencionados. O que se espera é que, no final deste trabalho, o campo artístico nascente em Brasília se constitua em exemplo invulgar desse requinte surpreendente como preconizava Clarice Lispector.

O transculturalismo brasiliense é flagrado no começo da obra de Nunes (op. cit, p. 14), enquanto resultante em padrões de sociabilidade bastante diferenciados. Veja-se a seguinte afirmação:

Visto de forma caricatural pelo resto do país como sendo uma "ilha da fantasia", (Brasília) é, de fato, um espaço social que sintetiza de forma primorosa padrões de sociabilidade da teoricamente ambígua classe média, justamente aquela parcela da população responsável pela alteração da estrutura de classes na sociedade brasileira nas últimas décadas do século XX.

Esse transculturalismo também se reflete no efeito exercido pela cidade sobre o imaginário brasileiro: "O efeito é tamanho que ainda hoje a cidade se apresenta como a realização de brasileiros e, dada a natureza da política partidária do país, uma cidade que "se ama com todo ódio..." (NUNES, op.cit., p. 72).

Mais adiante, discorrendo sobre as práticas sociais dos grupos existentes em Brasília, Nunes (op.cit.: 84) reconhece que "... Mesmo ao se tratar de práticas de classe com curta história: finalmente 40 anos de história é pouco para pensarmos em recuperar alguma característica especial que justifique o estudo do tema".

Dessa forma, considera-se que os efeitos dessas práticas sobre o transculturalismo brasiliense e vice-versa ainda se encontram em seu início. Este tema aparece novamente quando Nunes (op. cit., p. 84) investe sobre a questão da sociabilidade em Brasília, pois vista como rede de interconexões, ela

...pode ser compreendida como um contínuo de calibre múltiplo abarcando não só a passagem de um mundo rural para um mundo urbano – como é o caso de famílias de migrantes do sertão nordestino –, de um mundo urbano consolidado e cosmopolita a um outro em fase de construção – caso, por exemplo, da burocracia do Estado que deixa o Rio de Janeiro para a nova capital. Poderíamos considerar com Caillé (2000) que, por mais que se tenha em sociedades modernas uma crescente disjunção entre os registros de "socialidade primária" e "socialidade secundária", ambas indicam uma lógica intrínseca às relações entre os homens em sociedade. Visto desta forma, é possível considerar que o "pertencimento" constitui um contínuo que passa sutil e firmemente...

MIGRAÇÕES E IDENTIDADE LOCAL

Esse mesmo contínuo de pertencimento se acha imbricado nas implicações das migrações para a construção de uma identidade local em Brasília. A esse respeito, Nunes considera (op.cit, p. 90) que:

... Quase sempre a decisão de migrar significa deixar para trás referências de identidade; mas, para parcela importante de migrantes a mudança significou novos desafios, novas exigências de vida e uma sempre maior possibilidade de ascensão social, ao contrário do que ocorre com aquele que fica, e que, no geral, permanece no mesmo patamar da estrutura social, dada a baixa mobilidade social no meio interiorano do Brasil. De fato, a ascensão pode não ocorrer imediatamente, mas ocorrerá com os filhos ou descendentes.

Um dado importante sobre a composição populacional da cidade fornecido por Nunes (op.cit, p. 97) estabelece parâmetros para a compreensão da relação entre pertencimento, sociabilidade e identidade em Brasília: “Passados quase 40 anos da fundação de Brasília, a própria Codeplan já constata que as gerações aqui nascidas constituíam parcela substancial da população, correspondendo a 44% do total”.

Sobre o caráter das migrações para Brasília, depreende-se do texto de Nunes (op. cit, p. 98) que elas contribuem para o estabelecimento de níveis de pertencimento e para o enraizamento dos padrões de sociabilidade e, conseqüentemente, também para a formação da identidade local, passados exatamente 45 anos da inauguração da cidade, pois:

A migração de áreas deprimidas para participar de projeto da envergadura da construção da capital da nação é, portanto, absolutamente lógica e coerente”. No essencial, não se tratava – e tampouco se trata atualmente – de aventureiros em busca de “novas emoções.

A evidência de que não se tratavam mesmo de simples aventureiros pode ser constatada na concentração por origem da população³ de Brasília, a qual, segundo Nunes (op. cit, p. 100): “demonstra que há uma lógica implícita na opção pelo local de moradia. Muitas vezes, esta opção é dada pelas referências ditadas por familiares ou por conhecidos que “abrigam” os migrantes quando da chegada...”.

³ Ver dados de Nunes (op.cit., p. 100) sobre a composição por origem da população de Brasília, em 1997, no Anexo I deste texto.

A seguir, Nunes (op. cit, p. 133) discorre sobre a inserção social dos jovens na "sociedade" (no sentido atribuído a Norbert Elias) de Brasília onde

os adultos são desconhecidos pelas crianças que não sentem nenhuma obrigação especial em relação a eles. Os jovens aí estariam menos expostos ao controle dos adultos, inexistindo tanto a gratificação de uma sólida rede como uma estabilidade coletiva. A opção por Brasília rompe com esta dupla interação. Inexiste a comunidade no sentido ressaltado e instaura-se uma sociedade em que os mecanismos de solidariedade são pouco precisos.⁴⁴

Mesmo considerando que Brasília permite um grau de consciência objetiva acima da média, Nunes (op. cit, p. 137) admite que

... O modo de vida em Brasília é visto pelo país todo, de forma pejorativa, com a clássica representação de "ilha da fantasia", uma cidade que se descola das demais. Uma imagem pertinente para a realidade de Brasília, onde o indivíduo se vê solidamente encastelado em um sistema de posições sociais que ele tentará manter por toda a vida. Em última instância, é uma questão de poder derivada da monopolização de postos-chaves nas instituições públicas, bem como de uma coesão e de uma solidariedade mais desenvolvida, de uma elaboração de normas de vida coletiva.

Aqui, cabem as perguntas: a descrição não é válida para todas as cidades, sobretudo do Brasil? O posicionamento do autor não é contraditório quando ressalta a coesão e a solidariedade existentes em Brasília? Se Brasília tem tantos defeitos, a denominação de ilha da fantasia é pertinente, como afirma o autor?

⁴⁴ Em seguida, Nunes acrescenta uma nota de pé de página altamente relevante: "Temos aqui uma excelente entrada para análise da cultura jovem de Brasília, inclusive o aparecimento de gangs no Plano Piloto..."

Nunes (op. cit, p. 150) também reconhece que Brasília escapa à lógica das “sociedades do interconhecimento”, pois nela os indivíduos estão “radicalmente segmentados nos espaços da cidade que, em nome de um urbanismo racional ao extremo, retira do cotidiano toda possibilidade do inesperado, essência mesma da vida urbana”.

Não tem sido essa a experiência deste comentarista. E de alguns cronistas mais famosos, como Clarice Lispector,⁵ Nelson Rodrigues⁶, Paulo Leminski, Clemente Luz, Rogério Menezes, Tereza Negrão e Rogério Lima, além de outros menos votados.

Em seguida, verifica-se que para Nunes (op. cit, p. 152) a ausência da possibilidade do inesperado, apesar do alto padrão de qualidade de vida é traduzida numa sensação difusa de falta:

⁵ Lima (2003, p. 162-164) também relembra que Brasília também já teve outros cronistas ilustres. Clarice Lispector publicou em *A descoberta do mundo* duas crônicas, de 1970 e 1972, sobre Brasília. A primeira, intitulada “Nos primeiros começos de Brasília” e a segunda “Brasília de ontem e de hoje”. Na primeira, revela-se atônita e na segunda procura entender a convivência na cidade, a partir da conversa com dois amigos que aqui residiam: “Vejo ao longe urubus sobrevoando, o que estará morrendo, meu Deus?

– Não chorei nenhuma vez em Brasília. Não tinha lugar.

– É uma praia sem mar.

– Em Brasília não há por onde entrar nem por onde sair... – Uma prisão ao ar livre. De qualquer modo, não haveria para onde fugir. Pois quem foge iria provavelmente para Brasília. Prenderam-me na liberdade. Mas liberdade é só o que se conquista. Quando me dão, estão me mandando ser livre.

– Todo um lado de frieza humana que tenho, encontro em mim aqui em Brasília, e floresce gélido, potente, força gelada da Natureza. Aqui é o lugar onde os meus crimes (não os piores, mas os que não entenderei em mim), onde os meus crimes não seriam de amor. Vou embora para os meus outros crimes, os que Deus e eu compreendemos. Mas sei que voltarei. Sou atraída aqui pelo que me assusta em mim. Nunca vi nada igual no mundo. Mas reconheço esta cidade no mais fundo do meu sonho”.

⁶ Por ocasião da fundação da cidade em 1961, Nelson Rodrigues diagnosticou: “... Para mim, uma das coisas fundamentais de Brasília e que, no futuro, devem ser provocadas artificialmente, é o pó. Quando entramos, erguia-se, na cidade, um pó cor de canela. Tive, então, a idéia de que, depois de aspirar essa emanção gloriosa, o sujeito venta fogo!... Foi bom que os rapazes do CPOR andassem pelo Planalto... viram a cidade mais bela do mundo. Eu sei que, segundo os inimigos de Brasília, a beleza passou a ser uma indignidade. Diante do belo, do simplesmente belo, rosnam – “Fascismo! Fascismo!”. E, no entanto, o paralelepípedo mais analfabeto teria vontade de chorar lágrimas de esguicho ante a beleza de Brasília... Ir à Brasília é voltar mais brasileiro...” (CORREIO BRAZILIENSE, 6/03/2005, Caderno Cidades, p. 32).

Finalmente se tem uma moldura urbana funcional nos seus mínimos detalhes (sic.), se tem comparativamente uma qualidade de vida urbana praticamente única no país, mas se tem também uma sensação difusa de que algo está faltando. O que poderia ser? A respeito dessa falta mesma, pergunta o comentarista: seria a previsibilidade ou a redundância, ou, mesmo, o desconforto do acotovelamento urbano? O que é mesmo o inesperado urbano, concretamente?

Na verdade, Brasília se presta a tantas afirmações e manifestações de amor e desamor, que vale a pena sugerir a construção de sua topofilia⁷ pois ao mesmo tempo em que: “Moradores das partes nobres são indiferentes à cidade, verdadeiros “amantes passivos”... Trata-se portanto de uma “cidade de estrangeiros”, pelo menos para a grande maioria de sua população... (NUNES, op. cit, p. 156). Contudo, o sentimento desfrutado pela sua grande maioria não é o mesmo, conforme registrado por ocasião do seu penúltimo aniversário⁸. Por outro lado, é fácil verificar que a presença de arrivistas ou “parvenues” em sua população não é privilégio de Brasília.

As entrevistas realizadas por Nunes (op. cit, p. 160) também apontaram que são praticamente inexistentes relações de vizinhança no Plano Piloto. Entretanto, essa impossibilidade não é o que constata outros estudiosos como Teresa Negrão, por exemplo⁹.

Do pessimismo de Nunes (op. cit, p. 163) somente escapa o magnífico Parque da Cidade pois nas superquadras

⁷ Embora o termo topofilia não exista sequer em dicionários (Peres, 2005) quer dizer, exatamente, “amor” ou “amizade” ao lugar.

⁸ Uma enquête realizada por instituto local de pesquisa e publicada no dia 20/04/2004 pelo Jornal do Brasil revelou que 81% dos residentes de Brasília estão satisfeitos com a sua cidade, que 33% disseram ser muito bom viver na Capital, 49% bom, 15% regular e apenas 2% disseram que a sua qualidade de vida é ruim e 2% muito ruim. Poder-se-ia considerar estes dados mais significativos se eles não tivessem sido publicados exatamente na véspera do aniversário da Cidade.

⁹ Em “Se esta quadra fosse minha”, Tereza Negrão (1998; 43) constata: “Assim, pessoas que cotidianamente se cruzam na quadra e suas imediações, não raro se conhecem e se relacionam, de modo a evidenciar um sentimento de pertença que extrapola, por exemplo, as práticas realizadas no simples cumprimento. Trata-se, como diria Maffesoli, de uma socialidade que se exprime também na partilha dos afetos, no lúdico, na emoção, enfim, no interacionismo simbólico perpassado de transfigurações imaginárias”.

tem-se aquela permanente sensação de ociosidade destes equipamentos que, apesar de públicos, transmitem uma sensação de privados, não sendo tampouco utilizados pelos moradores das satélites. A única exceção nos fins de semana é o Parque da Cidade, onde multidões já tem o habito de freqüentá-lo para o lazer.

Em seguida e enfim, sentencia Nunes (op.cit, p. 163):

Há uma cultura urbana de atração e de repulsa entre os indivíduos, em que as relações de vizinhança são tênues, não se manifestam sinais de solidariedade, mas, curiosamente, as pessoas estão contentes com Brasília, mais com sua ecologia do que com a proximidade de outras pessoas. Em síntese, tudo está indicando que se produziu, no Plano Piloto e nos Lagos, o típico indivíduo blasé de Simmel.

De forma que se fica com a conclusão que os processos mesmo de construção da identidade local e de "transculturalização" em Brasília conduzem à insofismável formação do indivíduo blasé, indiferente por excelência. Entrementes, cabe adiantar que a análise das entrevistas realizadas com as excelências, diferentemente, aduz a um ethos de atrevimento e produtividade artística que está sendo construído em Brasília.

Finalmente, mas sem menor importância, Nunes afirma (op. cit, p. 164) que muito da libido da cidade é concentrada no trabalho... Verdade? Não se afirma, amiúde, que na ilha da fantasia não se trabalha? Por outro lado, também se afirma que se trabalha muito em Sampa, porque lá não se tem outra coisa para fazer...

O UFANISMO PRÓDIGO

Relata-se agora um outro tipo de abordagem sobre Brasília, denominado de ufanismo pródigo, magnificamente exemplificado na obra do jornalista e também cronista Clemente Luz.

Caberia também registrar que alguns expoentes promoveram um verdadeiro modismo inicial de realizar-se uma apologia exacerbada da cidade

que seria construída, transformada em uma verdadeira Epopéia, a partir do esforço e discursos carismáticos de Juscelino Kubitschek e que desembarcaram na onda de misticismo¹⁰ que permeia a cidade desde a sua fundação e/ou em um tipo de poesia ou prosa do seu cotidiano que procura revelar tão somente os aspectos bem sucedidos daquela utopia socialista.

No prefácio do seu livro *Invenção da cidade, Brasília*, cuja primeira edição é de 1968, o jornalista mineiro Clemente Luz informa que se transferiu para Brasília em 1958, como redator da recém-fundada Rádio Nacional de Brasília.

Logo depois da sua chegada, Luz foi encarregado de escrever uma crônica diária sobre a construção da cidade:

No dia 21 de abril de 1960, data da inauguração de Brasília, suas gavetas estavam cheias de papéis escritos, retratando os mais variados ângulos da vida levada, até então, no imenso canteiro de obras, instalado no planalto central brasileiro, para a execução dos projetos da nova capital da República. Desse papelório todo, nasceu o livro... (Prefácio sobre o autor).

Transcrevem-se também aqui as palavras de JK sobre as crônicas de Luz, já que foram incluídas nas primeiras páginas da segunda edição do livro, datada de 1982:

Se este livro tivesse sido escrito em francês, Saint-Exupéry o poderia assinar. Foi feito em prosa, mas é o poema de Brasília... Toda a poesia das longas noites de trabalho, toda a esperança das horas infatigáveis da construção estão contidas em suas páginas... É um diário que fala e faz

¹⁰ O Correio Braziliense de 3/11/2001 publicou reportagem sobre a visita que André Malraux fez à cidade em 1959 com o título de "Ele Viu e Gostou". A reportagem relembra que em discurso proferido na ocasião Malraux denominou Brasília de "a capital da esperança" e que diante das colunas inventadas do Palácio da Alvorada teria dito que nenhum elemento arquitetônico mais belo havia sido criado desde as colunas gregas, segundo testemunho do cineasta Vladimir Carvalho, documentarista de Brasília. No mencionado discurso do ex-Ministro da Cultura da França também afirmou: "Os senhores sabem, como sabem todos os artistas mas como sabem bem menos os governos, que as formas de arte destinadas a permanecer na memória dos homens são formas inventadas...". (Brasília na palavra de André Malraux/Brasília dans la parole d'André Malraux, Serviço de Documentação da Presidência da República, Rio de Janeiro, 1959).

chorar de saudade... Saudade da hora mais trepidante do Brasil, quando a Nação inteira vibrou, cantando, no estribilho do martelo e do cimento, a glória dos candangos que realizaram o sonho bissecular de rasgar no planalto o 'amanhã de meu país'.

Numa de suas últimas crônicas sobre a invenção da cidade, Luz flagra o que pode ser considerado, talvez, a gênese da identidade brasiliense, pois que caracterizada por uma identificação arcaica (à la Freud):

Confesso, entretanto, que nunca havia sentido a reação de um brasiliense autêntico. Ninguém talvez, se tinha preocupado com isso, pois o mais velho dos brasilienses pouco passa da idade do Jardim da Infância. Mas, a verdade, e que eles já pensam, já reagem, já se respeitam como filhos da Nova Capital, embora não saibam a importância que o fato encerra em si...

Paulo Santiago e dona Nilza contaram-me que estão pensando no retorno ao Rio. Retorno puro e simplesmente, sem qualquer razão plausível. Coisa de gente que pensa que é carioca mesmo e que, sendo carioca, é dona do Brasil! Aliás esse vago desejo de retorno, em Brasília, é uma espécie de cachumba ou sarampo, que ataca gregos e troianos no momento próprio... Nem mesmo pensaram em fazer uma consultinha de mentirinha, para saber o que pensavam Rogelio e Dario (seus filhos). Rogelio, mais taludinho, a tudo escutava, mas nada dizia... Ouvia os pais falarem na próxima viagem, na volta ao Rio de Janeiro... Uma volta que para ele não existia de maneira nenhuma. Gostava, sim de voltar a Brasília, todas as vezes que viajavam para algum lugar. Voltar, para ele, era voltar para Brasília... Mas nada dizia..."

Dona Nilza resolveu revelar aos filhos a decisão do casal. Mostrou a ida para o Rio de Janeiro como uma coisa bela, maravilhosa... Rogelio, que a tudo escutava sem muito interesse, respondeu com o vigor, a lógica e a simplicidade das crianças:

– Mas, mamãe, eu não posso ir. Nem meu irmão...

– Por que filhinho? – perguntou Dona Nilza espantadíssima.

E Rogelio abraçando Dario, com os olhos cheios de lágrimas:

– Você não está vendo, mamãe! Eu sou de Brasília!

Para ele, o assunto estava encerrado.

Infelizmente, não ficou encerrado para os pais, que estão de malas prontas, para um retorno inútil". (p. 162-164).

CONCLUSÃO

Algumas excelências entrevistadas enfatizaram o fato de que na capital nacional existe mais circulação de informação e conhecimento acerca das artes e dos movimentos artísticos do que em outras localidades do país. Ou, mais precisamente, circulam mais rapidamente do que em outros centros urbanos do Brasil. Neste sentido, a existência de um grande número de diplomatas estrangeiros, bibliotecas de Embaixadas e centros culturais também contribuem decisivamente para o estabelecimento de uma produção artística considerável e respeitável na cidade.

Como um deles mencionou, o plano urbano da cidade ajuda no sentido de levar a todos a realizar um auto-encontro, o qual é mais difícil de acontecer em outras cidades. Essa oportunidade, de acordo com o mesmo, seria uma grande contribuição da cidade para aqueles que desejam desenvolver uma carreira artística. Neste caso, não é solidão e isolamento (que são freqüentemente também citados como parte do estilo de vida de Brasília) o que se coloca, mas o reforçamento da busca de cada um por individuação e autoconhecimento. Talvez esta seja a explicação porque a maioria deles afirmou que conseguiram sucesso porque nunca deixaram alguma coisa para amanhã.

Também foi mencionado que, vez que vivem e trabalham em um centro urbano ainda apresentando tradições culturais frágeis, e onde quase todo cidadão é um estranho, desenraizado, (arrivista, diria Bourdieu) existem muito poucos cânones padronizados de gosto artístico a serem seguidos ou imitados. Estes dizem, resumindo, que quase tudo, do ponto de vista do mundo das artes, pode ser tentado e elaborado em Brasília. Todos desejam enfrentar os riscos e desfrutarem de algum de atrevimento num ambiente artístico marcado por uma identidade ainda em construção. Um desses informantes assim sentenciou:

Não tínhamos medo de cometer erros. Quando decidíamos produzir arte é, primeiro de tudo, por causa do prazer que ela proporciona aos seus praticantes. Não há muito que se fazer aqui, de outra maneira, em nosso tempo de lazer. Quando nos juntamos para fazer arte, não pensávamos em sucesso ou projeção nacional ou internacional. Quando isso aconteceu foi como uma consequência e ficamos todos surpresos.¹¹

Relataram-se alguns achados de um projeto de pesquisa acerca de um sítio cultural bastante jovem, ainda em formação. Algumas afirmações genéricas acerca do desenvolvimento do campo artístico em Brasília no que são impactadas pelo transculturalismo transnacional e transregional já se tornaram possíveis. Ou, pelo menos, algumas tendências deste processo de formação ficaram delineadas.

Entrementes, poderia ser dito que seu campo de produção cultural deve ainda ser considerado como traço de uma sociedade fronteira (SCHMIDT, op.cit.), em que o pioneirismo e atitudes ousadas são suas maiores características. Também, poderia ser argüido que, até o momento, algum grau de improvisação permeia o trabalho desenvolvido neste campo, assim como em outros empreendimentos intelectuais, entre os quais a ausência de trabalhos acadêmicos empíricos quantitativos é uma consequência inegável.

Há muito a ser dito acerca dos objetivos utópicos que constituem o âmago da história de Brasília quando comparada à sua realidade presente. O projeto de pesquisa procurou iluminar essa história trazendo informações empíricas acerca de um setor particular que está sendo usado para dar suporte desejos locais de construir uma identidade cultural para os brasilienses. É ainda muito cedo para demandar tanto da produção cultural local, mas a tentativa de construir uma identidade baseada no campo artístico não é irrelevante. Poderia ser dito também que esta tentativa não é exclusiva deste centro administrativo urbano e planejado.

Talvez já fosse o momento de se afirmar que em vez do indivíduo blasé, os processos identitários brasilienses têm ajudado a construir,

¹¹ Fê Lemos, baterista da banda "Capital Inicial" em entrevista de campo.

conforme o veredicto de Clarice Lispector, um produto humano estranho e altamente novo. Portanto, antes de usina de talentos, ela continuaria sendo um cadinho onde se amalgama um transculturalismo regional e nacional, inusitadamente novo que, por isso, gera formas narcísicas de avaliação do seu projeto urbanístico e geopolítico.

Brasília é testemunha da capacidade brasileira de sonhar e produzir utopias. Esta capacidade não é descartável por mais subjetiva que seja. Uma afirmação a ser acrescentada é que, embora nós brasileiros possamos sentir orgulho dela, nossa auto-estima não deve se transformar numa forma de aceitação acrítica das idealizações que sublinharam sua construção e a despeito da crítica recorrente que é atribuída à mesma.

O que é reivindicado é o fato de que os brasileiros tenham conseguido construir uma Cidade em 3 anos e meio, no meio do fim do mundo, onde pouca gente residia e ao qual faltavam recursos materiais abundantes. O fato de que a UNESCO tenha considerado Brasília como parte da herança cultural da humanidade não pode ser ignorada neste contexto¹².

¹² Os dados mostram que, com exceção dos que aqui nasceram, poderíamos identificar em algumas das RA [Regiões Administrativas] do Distrito Federal verdadeiras "colônias" que guardam uma lógica própria, como, por exemplo: – 15% dos habitantes do Lago Sul e 12% do Lago Norte, 13% dos de Brasília [Plano Piloto], 14% de Taguatinga, 15% de São Sebastião, são originários de Minas Gerais; – 12% do Paranoá, 9% de Santa Maria, 8% de São Sebastião, 7% do Gama, Sobradinho e Ceilândia e 6% do Riacho Fundo, Candangolândia e do Recanto das Emas são Piauienses; – 13% de São Sebastião, 9% do Paranoá, 8% de Santa Maria e 7% da Ceilândia e Samambaia são baianos; – os goianos estão concentrados em Brazlândia (16%), Planaltina (12%), Taguatinga (9%), Núcleo Bandeirante e Candangolândia (8%); – as RA de Brasília, Paranoá, São Sebastião e Lago Sul são as que contam com o menor número de habitantes não originários do Distrito Federal (menos de 40%); todas as demais contam com mais de 40% dos moradores não nascidos aqui; – Os estrangeiros constituem parcela irrisória dos moradores (0.28%), e aqui se instalam por razões de trabalho nas representações diplomáticas ou em organismos internacionais, habitam sobretudo os Lagos Sul e Norte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BADIOU, A. **Para uma nova teoria do sujeito**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. **As regras da arte**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

CAILLÉ, A. **Anthropologie du don: Le tiers paradigme**, Des Clées de Brouser, Paris: 2000.

LIMA, R. "O cronista e a alma fragmentada da cidade". Posfácio in Menezes, R. **A solidão vai acabar com ela. 60 histórias de uma Brasília desconhecida**, Rio de Janeiro: Versal, 2003.

LISPECTOR, C. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LUZ, C. **Invenção da Cidade**. 2. ed. São Paulo: Record, 1982.

NEGRÃO de Mello, T. "Se essa quadra fosse minha" in Medina, C. (organizadora). **Narrativas a Céu Aberto, Modos de ver e viver Brasília**, Brasília: UnB, 1998.

NUNES, B. F. **Brasília, A Fantasia Corporificada**, Paralelo 15, Brasília: 2004.

PERES, M. **O Corpo em Obras, Um Olhar sobre as práticas culturais em Brasília**, Tese de doutorado submetida ao Departamento de Sociologia da UnB, 2005.

RIBEIRO, A. C. T. "Prefácio" in Nunes, B. F. **Brasília, a fantasia corporificada**, Paralelo 15, Brasília: 2004.

SCHMIDT, B. V. "Prefácio" in Nunes, B.F. (organizador), **A construção do Quotidiano**, Paralelo 15, Brasília: 1997.